

**VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DO ITEM LEXICAL
“CORONAVÍRUS” EM LIBRAS²⁵⁷**

Maiara Cano Romero Pereira (UFMS)

maiara.cano@hotmail.com

Rogério Vicente Ferreira (UFMS)

rogmatis@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar duas variantes do item lexical “coronavírus” em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Uma delas foi utilizada pelo CAS-MS (Centro de capacitação de profissionais de educação e atendimento às pessoas com surdez) e a outra variante foi empregada pela TV INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). A escolha dessas duas instituições se deu pelo fato de produzirem e divulgarem materiais audiovisuais, que são informativos para a comunidade surda, portanto, servem de referência para esse público. Os canais das respectivas instituições estão disponíveis *on-line*. Trata-se de uma análise qualitativa, de caráter bibliográfico. Para tal, utilizamos como base teórica, autores que versam sobre a variação linguística, como Alkmim (2012) e Calvet (2002), e mais especificamente sobre a variação na Libras como Albres (2014), Gesser (2009) e Honora (2014). Para a análise e descrição dos sinais em seus aspectos fonéticos e fonológicos apoiamos-nos em Quadros e Karnnop (2004) e Ferreira-Brito (1990).

Palavras-chave:

Libras. Variação. Fonética e Fonologia.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze two variants of the lexical item “coronavirus” in Brazilian Sign Language (LIBRAS). One of them was used by CAS-MS (Center for training of professionals in education and care for people with deafblindness) and the other variant was used by TV INES (National Institute of Education of the Deaf). The choice of these two institutions was due to the fact that they produce and disseminate audiovisual materials, which are informative for the deaf community, therefore, serve as reference for this audience. The channels of the respective institutions are available online. This is a qualitative, bibliographical analysis. For such, we used as theoretical basis authors who deal with linguistic variation, such as Alkmim (2012) and Calvet (2002), and more specifically about variation in Libras, such as Albres (2014), Gesser (2009), and Honora (2014). For the analysis and description of the signs in their phonetic and phonological aspects we rely on Quadros and Karnnop (2004) and Ferreira-Brito (1990).

Keywords:

Libras. Variation. Phonetics and Phonology.

²⁵⁷ UFMS O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

1. Introdução

A Sociolinguística é uma área do conhecimento da linguagem que relaciona o fator linguístico ao extralinguístico ao estudar as variantes que ocorrem nos diferentes níveis da gramática de uma língua: fonético, morfológico, sintático, assim como no léxico (Cf. BERLINE, 2010). Essa área da Linguística surge em 1964, na Universidade da Califórnia, em um congresso organizado pelo linguista William Bright e representou uma perspectiva de estudos oposta aos estudos gerativistas de Noam Chomsky. Desse congresso resultou a obra *Sociolinguistics*, onde contém o texto de Bright com o título “As dimensões da sociolinguística”, o qual delinea a nova área de estudo. Alkmim (2005) lembra que Bright parte de pesquisas de outros autores que procuram explicar a relação entre língua, sociedade e cultura, principalmente, Dell Hathaway Hymes e William Labov da sociolinguística variacionista (Cf. ALKMIM, 2005; CALVET, 2002).

A Sociolinguística variacionista busca perceber como se dá a organização da heterogeneidade que resulta na variação da língua falada em seu respectivo contexto. As diferentes formas de falar ocorrem devido a alguns fatores, como local (variação diatópica), situação de fala ou registro (variação diafásica), e nível socioeconômico do falante (variação diastrática) (Cf. BERLINE, 2010). O contexto de fala se relaciona com o conceito de comunidade de fala ou linguística, e se refere a um “(...) conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos” (ALKMIM, 2005, p. 31). No entanto, isso não implica afirmarmos que em uma comunidade de fala todos falem do mesmo modo, mas fazem escolhas que dependem do contexto comunicativo e resultam em diferentes formas de interação conduzidas por fatores sociais e culturais situados no tempo-espaço. Nesta perspectiva ainda, se analisa a linguagem considerando seu uso no contexto social a fim de explicar as variedades de seu sistema. Trabalha principalmente com dois conceitos – mudança e variação. A variação é um conjunto de variantes para o mesmo significado em uma comunidade de fala, com aspecto regional e social. Já a mudança linguística configura a variação da língua no espaço e no tempo. Esses estudos surgiram com William Labov na década de 1960.

As variações linguísticas ocorrem nas línguas de sinais tal qual nas línguas orais, reforçando sua característica de língua natural. Um sinal pode ser sinalizado de diferentes formas em uma mesma comunidade (Cf. BURGEILE; SILVA, 2018). Um aspecto importante a ser conside-

rado é a mobilidade das pessoas surdas e o contato com outras variantes. Cada país tem sua língua de sinais, assim, como cada bairro, região, ou grupo de pessoas possuem um modo diferente de sinalizarem. Esse processo de variação ocorre por influências internas, elo contato com outras línguas de sinais ou entre surdos que residem em diferentes regiões do país. Strobel (2008) destaca os “artefatos culturais do povo surdo, sua forma de ver, perceber e modificar o mundo, com sua percepção visual, é fundamental para a criação de novos sinais.” As variações lexicais, por exemplo, podem ocorrer em diferentes regiões e até em um mesmo município, pois “quando um grupo seleciona um traço como característica do sinal, outro pode selecionar outro traço para identificá-lo” (QUARDOS; KARNOPP, 2004).

2. Os parâmetros na Libras

Ao assistirmos os vídeos produzidos pela TV INES-RJ e pelo CAS-MS, podemos perceber uma variação do item lexical “coronavírus” nos vídeos produzidos a partir de março de 2020 e uma gradual uniformização no emprego de seus respectivos sinais. A partir dessa observação afirmamos que está ocorrendo uma *variação diacrônica*, pois os sinais utilizados no início da pandemia aqui no Brasil, até dezembro de 2020, apresentam variações em alguns dos aspectos que embasam sua gramática e a formação dos sinais.

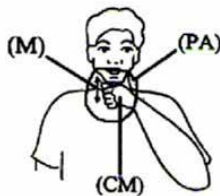
Outro tipo de variação que destacamos é a *diatópica*, relativo ao lugar. Para fim de comparação e análise escolhemos os sinais de coronavírus da TV INES, localizada no município do Rio de Janeiro (RJ), e do CAS-MS, localizado no município de Campo Grande (MS). As duas instituições produzem materiais audiovisuais que são informativos para a comunidade surda, portanto, servem de referência para esse público. Os canais das respectivas instituições estão disponíveis *on-line*.

A Libras (Língua Brasileira de Sinais) organiza sua estrutura gramatical nos diferentes níveis seguindo alguns parâmetros. Os principais são: Configuração de mãos (CM), Ponto de articulação (P.A) e Movimento (M). Outros são os parâmetros menores: Orientação de mão (OM) e as expressões não-manuais, faciais ou corporais (ENM). Esses parâmetros das línguas de sinais são comparados à morfologia das línguas orais, pois elas, assim como todas as línguas naturais, têm o léxico constituído por unidades mínimas. Portanto, a Libras é constituída a partir de unidades mínimas distintas, chamadas, em línguas orais, de fonemas. A fo-

nologia é a responsável pelos estudos dos sons da língua a partir desses fonemas, que por sua vez, distinguem as unidades mínimas sonoras que significam (Cf. PENHA, 2018). Para Quadros e Karnopp (2004), a tarefa da fonologia na Libras é determinar as unidades mínimas que formam um sinal e também estabelecer os padrões e variações possíveis.

A imagem abaixo ilustra os três principais parâmetros, que são os que usaremos para a análise neste artigo:

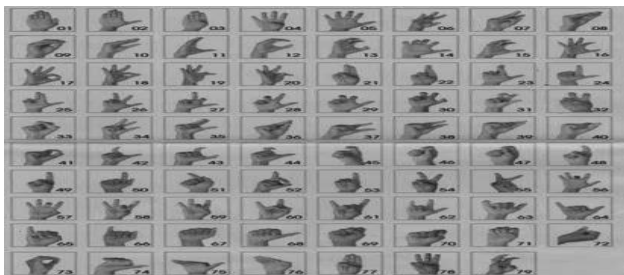
Figura 1: Parâmetros em Libras.



Fonte: Strobel e Fernandes (1998).

a) Configuração de mãos – É a forma ou configuração da mão durante a execução do sinal. Podendo utilizar somente uma ou as duas mãos. Vejamos as configurações da tabela do INES.

Figura 2: Configuração de mão INES.



Fonte: Disponível em: <http://charles-libras.blogspot.com.br/2014/10/configuracoes-de-mao.html>.

b) Ponto de articulação (PA) ou locação – O corpo é o instrumento para fazer os sinais que podem ser no espaço neutro, abaixo, acima, lado esquerdo, lado direito, para frente ou para trás ou tocando parte do corpo. Corresponde ao “lugar tomado como ponto de partida no próprio corpo, onde é realizado o sinal” (PENHA, 2018, p. 119). Existem sinais que não

há toque no corpo, o sinal é executado no espaço neutro.

Figura 3: Ponto de Articulação.



Fonte: Quadros e Karnopp (2004).

As autoras, Quadros e Karnopp (2004), mostram o número limitado de locações no espaço de enunciação: cabeça, mão, tronco, braço e espaço neutro.

c) Movimento- esse parâmetro envolve as direções, podendo ter mais de uma, e o espaço onde é realizado o movimento. Os sinais podem ou não ter movimento em sua execução.

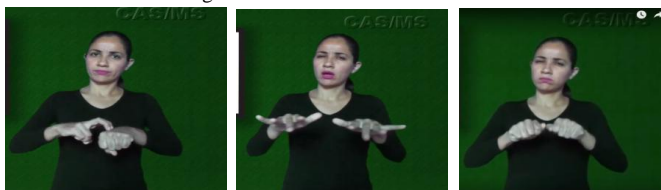
3. *Variação do item lexical “coronavírus”*

A fonética estuda os sons como entidades isoladas ao descrever e analisar suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas, portanto, é descritiva. Já a fonologia estuda as diferenças fônicas que se vinculam a diferenças de significado. Ela é explicativa e interpretativa (Cf. QUADROS; KARNOPP, 2004). As duas perspectivas de estudos se complementam no trabalho descritivo e analítico.

Vimos os cinco parâmetros que regulam os sinais na Libras. Para a análise comparativa que irei desenvolver aqui, utilizarei os três principais: Configuração de mãos (CM), Movimento (MOV) e Ponto de Articulação (PA). Os pares mínimos são diferenças sutis que mudam o significado dos sinais e constituem componentes básicos das línguas de sinais. Encontramos pares mínimos distintos pelo parâmetro CM, pelo M e pelo PA (Cf. PENHA, 2018)

Para este trabalho selecionei apenas o sinal “coronavírus”, que se refere ao agente causador da doença Covid-19. As variantes do item lexical supracitado foram encontradas nos vídeos “Sinais vocabulários” no do Blog CAS - MS e na página do Youtube do Programa Boletim – “Cuidados com a saúde” da TV INES. Vejamos as imagens a seguir:

Figura 4: Variante CAS-MS.



Fonte: CAS-MS.

O sinal “coronavírus” do CAS tem duas sequências na sua execução. Primeiro, a mão ativa faz um movimento de cima para baixo tocando a mão passiva. No segundo momento, as duas mãos fechadas fazem um movimento ondular para a frente no espaço neutro.

Brito, Souza e Abreu (2021) citam a confusão inicial com relação ao vírus e a doença causada por ele.

É importante ressaltar que, assim como nas demais línguas, a confusão entre os termos referentes à família de vírus coronavírus e à doença COVID-19 se mostrou na Libras e, dessa forma, ainda hoje os sinalizantes de Libras usam um mesmo sinal para designar tanto o vírus quanto a doença. Entretanto, com as atualizações feitas pela ciência, os sinalizantes demarcam linguisticamente quando se referem ao vírus e quando se referem à doença. (BRITO; SOUZA; ABREU, 2021p. 10)

Segundo os pesquisadores, a criação dessa variante foi motivada pelas informações iniciais de que o vírus teria vindo do morcego, sua rápida disseminação no corpo humano e o fácil contágio.

Os autores fazem referência da CM em “5”, como a figura 32 (trinta e dois) da tabela do INES, como sendo motivada pelo morcego, uma vez que as informações iniciais citavam o animal como transmissor do novo coronavírus. Acrescentamos uma outra a leitura possível, a de que a configuração se deu como uma adaptação das junções dos itens lexicais já existentes na Libras, a célula e o vírus. Sendo a mão passiva a representante da célula e a mão ativa do vírus, criando um sinal composto. Quadros e Karnopp (2004, p. 103-4) citam regras morfológicas que são empregadas na criação de compostos, são elas:

(1) a regra do contato: ocorre quando dois sinais se juntam para formar um composto e o primeiro sinal tem contato, ele geralmente permanece;

Considerando a base VÍRUS+CÉLULA+ESPALHAR, o sinal “célula” tem contato e este permanece.

(2) a regra da sequência única: na criação de compostos na Libras, o movimento interno ou a repetição do sinal é extinto.

Ao analisarmos a variante “coronavírus” do CAS-MS, percebemos que na junção CÉLULA+VÍRUS+ESPALHAR, o item lexical preexistente “vírus”, possuía o movimento repetitivo na sua execução, característica que é alterada na composição do sinal “coronavírus”.

(3) a regra da antecipação da mão não-dominante: ocorre quando a mão passiva antecipa o segundo sinal na composição, situando-se no espaço neutro.

Na nossa proposta de análise, consideramos a mão passiva como representante da “célula”, que nessa variante antecipa o sinal “vírus” na combinação. Como demonstramos, nossa leitura do processo de criação do sinal “coronavírus” meio da composição se justifica por concordar com as regras morfológicas aplicadas na criação de compostos elencadas pelas autoras Quadros e Karnopp (2004).

Vejamos a imagem da variante do sinal “coronavírus” da TV INES.

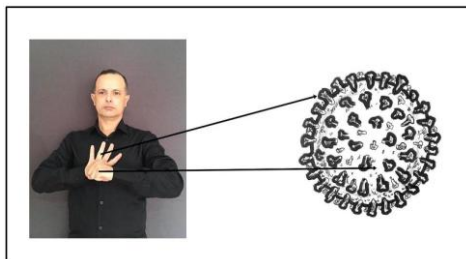
Figura 5: Variante INES.



Fonte: TV INES.

A variante do “coronavírus” da TV INES não tem mudança na CM, sendo, portanto, executado em um movimento simples. A mão ativa sai de trás da mão passiva em um movimento semicircular. Souza, Junior e Lima (2020) citam uma referência icônica na estrutura articulatória do sinal coronavírus, defendendo que traços visuais do referente, como o formato circular e com coroas, motivaram a criação sinal. Veja o referente na imagem a seguir:

Fig. 6 Referente icônico de coronavírus.



Fonte: SOUZA; JUNIOR; LIMA, 2020.

A respeito da variante da TV INES, os autores consideram que “O item lexical “CORONAVÍRUS” constitui um tipo de neologismo fonológico pelo fato de constituir um significante absolutamente novo no sistema linguístico da Língua Brasileira de Sinais.” (SOUZA; JUNIOR; LIMA, 2020, p. 83).

Nessa variante, consideramos a composição CÉLULA+VÍRUS +ESPALHAR sendo sinalizada de outra forma possível. Nas duas variantes a célula é infectada pelo vírus e o parâmetro movimento (MOV) indica que o vírus se espalha na célula. Na junção de itens lexicais existentes na Libras para a formação do sinal composto “coronavírus”, percebemos que os itens base sofreram modificações já citadas anteriormente.

Brito, Souza e Abreu (2021) reconhecem dois esquemas de iconicidade: o primeiro com base morfológica de “doença”, e o segundo que considera a estrutura do vírus com envelope e espícula. Consideramos que a base morfológica dessa variante, assim como a da outra, seja a “célula” e concordamos com os autores ao considerarem o envelope e a espícula do vírus como motivação para a variante da TV INES. Acrescentamos ainda uma outra interpretação da mão ativa no movimento semi-circular que sai de trás da mão passiva e vai com os dedos abertos para a frente, representa a imagem de um número crescente de pessoas infectadas, evidenciando uma característica do vírus. Vejamos a tabela que compara as diferenças e similitudes das duas variantes analisadas em seus parâmetros:

Item lexical CORONAVÍRUS	CAS	INES
Configuração de mãos (CM)	uma mão em “S” fig. 69 e a outra em “5” fig 32. As duas terminam com a configuração fig. 05	configura a mão predominante como na imagem 04 da tabela do INES.
Locação (L) ou PA	Espaço neutro	Espaço neutro
Movimento (Mov)	Toque de cima para baixo retilíneo, depois para fora com movimento sinuoso.	Movimento simples semicircular, para fora.

Fonte: elaborado pela autora.

No parâmetro da Configuração de mãos (CM) os dois sinais se diferem, um sinal configura a mão predominante em “5” e o outro sinal configura a mão predominante como na imagem 04 da tabela do INES. A mão passiva que remete a célula, coincide nas variantes.

O ponto de articulação (PA), localizado no espaço neutro, coincide nas variantes, indica semelhança nesse parâmetro e torna possível vislumbrar a leitura de uma variação fonético-fonológica.

O movimento (Mov) na execução dos dois sinais são parcialmente iguais, do corpo em direção para fora, o que garante a compreensão de se tratar do mesmo referente. Nesse movimento os dois sinais possuem o mesmo significado de “espalhar”.

4. Considerações finais

Albres (2014, p. 89) afirma que os surdos criaram uma língua a partir “de sua condição essencialmente visual, a partir de seu lugar histórico, de seu modo de olhar”, o que implica no surgimento das variações nos sinais que refletem as vivências sociais e culturais das comunidades surdas de cada região aqui tratada. Compreendemos que a Libras, assim como outras línguas de sinais ou orais, são dinâmicas e heterogêneas com a criação constante de sinais que venham a atender as necessidades de seus usuários.

Durante a pesquisa percebemos outras variantes do sinal “coronavírus”, e que havia uma confusão no uso de sinais de Covid-19 e coronavírus como sinônimos, sendo que o primeiro se trata da doença e o se-

gundo do agente causador. Algumas universidades e instituições produziram glossários e manuais a fim de auxiliar a comunidade surda com os novos sinais do contexto da pandemia, registrando e disseminando outras variantes. Conforme eram divulgadas novas informações, também os sinais se adaptavam e todo esse processo ocorreu com a intermediação intensa do uso da *internet* por meio das redes sociais, principalmente devido ao contexto do isolamento social. Brito, Souza e Abreu (2021), destacam que as línguas são provocadas a criarem rapidamente termos em novos contextos e que esse fenômeno se dá por meio de empréstimos linguísticos, criação de termos com bases morfológicas já existentes ou com a criação de novos.

As variantes analisadas do sinal “coronavírus” aproveitaram itens lexicais nativos da Libras, que com uma combinação, criaram sinais compostos com um novo significado. Esse fenômeno ocorreu na urgência das necessidades dos seus usuários. Os sinais analisados apresentaram variação parcial no parâmetro movimento (Mov) e no parâmetro configuração de mãos (CM), coincidindo totalmente no parâmetro ponto de articulação (PA), tornando possível estabelecer uma leitura de variação fonético-fonológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRES, N. A. A construção dos sinais e sua mobilidade específica. In: LACERDA, C.B.F.; SANTOS, L.F. *Tenho um aluno surdo, e agora?* Introdução à Libras e educação de surdos. São Paulo: EdUFSCar, 2014.
- ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.B.; CHRISTINA, A. (Org.). *Introdução a Linguística: domínios e fronteiras*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- BERLINE, Ronald. A variação Linguística. In: FIORIN, J.L. (Org.). *Introdução à linguística*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- BRITO, Higor Pereira de. SOUZA, Renne Imar de Melo. ABREU, Walber Gonçalves. Análise de iconicidade das variantes do termo coronavírus em língua brasileira de sinais. *Revista do GELNE*, v. 23, n. 2, 2021.
- BURGEILE, Odete; SILVA, Maria Norma Lopes Souza. A variação linguística no léxico em Libras. *Revista Ecos*, v. 24, n. 01. 2018.
- CALVET, L. *Sociolinguística: Uma introdução crítica*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PENHA, Nilma Moreira da Penha. *Fonética e fonologia – processo das línguas orais e língua de sinais*. Indaial: UNIASSELVI, 2018.

QUADROS, R. M; KARNOPP L. B. *Língua brasileira de sinais: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOUZA, Alexandre Melo de; JUNIOR, João Renato dos Santos; LIMA, Israel Queiroz de. Expansão lexical em Libras no contexto do coronavírus. *Papéis: Revista do programa de pós-graduação em Estudos de Linguagens-UFMS*, v. 24. n. Especial. p. 72-96, Campo Grande-MS, 2020.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC, 2008.

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. F. *Aspectos linguísticos da Libras*. Curitiba: SEED, 1998.

Outras fontes:

CAS-MS “Sinais vocabulários” – (vídeo) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=B7KrMHvqSyg&feature=emb_logo

TV INES “Cuidados com a saúde” – Programa Boletim – (vídeo) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=57Vfe2a7-R8>.